



NA GIRA DA RODA ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURAS POPULARES

IN THE SPINNING OF THE WHEEL BETWEEN POPULAR EDUCATION AND POPULAR CULTURES

Dulcinéia de Fátima Ferreira (UFMA)¹
dulceciranda2@gmail.com

Eduarda Gava Caciatori (UFSCar)²
duda.rasgadacoletiva@gmail.com

RESUMO: Este trabalho parte de vivências em torno da educação popular e das culturas populares. Trazemos para a roda os saberes da experiência, estudos e pesquisas que realizamos. Apoiamo-nos em diversos autores e Mestres da cultura popular, com destaque para Paulo Freire que nos inspira neste pensar e viver. Apontamos que no movimento da cultura, coletivamente os sujeitos lançam-se nas giras, rodas e festejos em busca de vida. Vivem suas utopias e tecem terreno fértil para a prática da liberdade no encontro e na troca. Reinventam o mundo ao forjarem possibilidades de práticas culturais engajadas na emancipação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular; Culturas Populares; Paulo Freire.

ABSTRACT: This work takes as its starting point experiences around the universe of popular education and popular cultures. We bring to the discussion the knowledge of experience, studies and research that we carry out. For this writing and his reflections, we rely on several authors and Masters of popular culture, with emphasis on Paulo Freire, who inspires us in this thinking and living. We point out that in the cultural movement, the subjects collectively launch themselves in the festivities and celebrations in search of life. They live their utopias and weave fertile ground for the practice of freedom, which takes place in encounter and exchange and reinvent the world by forging possibilities of cultural practices engaged in human emancipation.

KEYWORDS: Popular Education; Popular Cultures; Paulo Freire.

Chegança...

Chegamos neste círculo de cultura do Encontro Nacional de Diálogos Freirianos na UFMA – ENDiFre, marcadas pelas nossas vivências em diversos grupos de educação

¹ Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira - Universidade Federal do Maranhão - Campus São Luís, São Luís – MA. dulceciranda2@gmail.com


² Ma. Eduarda Gava Caciatori - Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba, Sorocaba - SP. duda.rasgadacoletiva@gmail.com



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

e cultura popular, em Sorocaba – SP e em São Luís – MA. Carregamos conosco os sons e as giras das rodas de Maracatu, Capoeira, Tambor de Crioula, Festas do Divino, Bumba meu Boi, festas de Terreiros e tantas outras giras que giramos, ouvimos e vimos girar.

Nestes territórios existenciais³ que habitamos, pudemos experienciar o sentimento de pertencimento e sentir na carne e no nosso “corpo vibrátil”⁴ a potência do atravessamento de afetos⁵ que ampliaram e seguem ampliando o nosso desejo de vida a partir da convivência comunitária e do contato com o sagrado da gira. Fazer parte destes grupos foi e ainda é uma necessidade de criar linhas de vida, de tecer vínculos significativos e reinventar o nosso modo de ser o estar no mundo.

*Por isso é que agora vou assim
No meu caminho. Publicamente andando.*

*Não, não tenho caminho novo.
O que tenho de novo
é o jeito de caminhar.
Aprendi
(o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém a mim
e aos que vão comigo.
Pois já não vou mais sozinho.*

(Tiago de Mello)

Um mergulho no modo de viver da educação popular e das culturas populares⁶

Ao lançarmo-nos no desafio de pensar e escrever sobre nossas vivências em torno da educação popular e culturas populares, trazemos para a roda os saberes da experiência

³ *Territórios existenciais* vão além de uma delimitação espacial. São *territórios subjetivos*, afetivos, construídos coletivamente e em constante processo.

⁴ Corpo vibrátil, o corpo das sensações (ROLNIK, 2003).

⁵ “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (SPINOZA, 2013, p. 98)


⁶ Usaremos a expressão “culturas populares” no plural por entendermos que existe uma multiplicidade de culturas.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

e de estudos que realizamos. Buscamos apoio em diversos autores e Mestres da cultura popular e, dentre eles, destacamos Paulo Freire que nos inspira neste pensar e viver. Teceremos aproximações entre “Ação cultural para a liberdade” (FREIRE, 2006) e “Educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1982), procurando destacar a “ecologia de saberes” (SANTOS, 2002) e fazeres presentes nos modos de viver a educação popular e as culturas populares.

Durante nosso caminhar observamos que as culturas populares nos dão pistas de como pensar, criar e vivenciar uma *educação como prática da liberdade* (FREIRE, 1982).

[...] uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, [...]. Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização. (FREIRE, 1982, p. 59)

É importante reafirmar que a educação popular é uma educação *do* povo e *com* o povo, não uma educação inferior pensada *para* o povo. Uma educação que propõe uma leitura crítica da realidade, uma consciencia de si e seu lugar no mundo como membro de uma classe social: a classe trabalhadora. A Educação popular não separa a dimensão teórica da prática, como sendo momentos distintos, mas defende a *práxis*, que é justamente a união dialética entre teoria e prática. No livro “Educação como prática da liberdade”, Freire fala sobre [...]


[...] uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. A educação do “eu me maravilho” e não apenas do “eu fabrico”. (FREIRE, 1982, p. 93)



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

Uma educação de sujeitos criativos e criadores e não de objetos. Brandão (2006) nos diz que a educação popular não tem um modelo ou um formato único a ser seguido, pois ela é uma prática diversa, regida pela diferença. Para ser de fato educação popular é preciso que tenha como princípio “o fortalecimento do poder popular, através da construção de um saber de classe” (BRANDÃO, 2006, p. 51). Durante nossos estudos e vivências deparamo-nos com diversos processos de educação popular - sem que tenham sido assim nomeados - em momentos e contextos distintos, como nos diferentes movimentos de resistência de povos tradicionais e originários, por exemplo (LEMES; MORETTI, 2014, p. 02).

Conforme Brandão (2006) o surgimento do uso do termo e a conceituação acerca desta prática plural, vai aparecer no início dos anos de 1960.

Uma primeira experiência de educação com as classes populares a que se deu sucessivamente o nome de educação de base (no MEB, por exemplo), de educação libertadora, ou mais tarde de educação popular surge no Brasil no começo da década de 60. Surge no interior de grupos e movimentos da sociedade civil, alguns deles associados a setores de governos municipais, estaduais, ou da federação. Surge como um movimento de educadores, que trazem, para o seu âmbito de trabalho profissional e militante, teorias e práticas do que então se chamou cultura popular, e se considerou como uma base simbólico ideológica de processos políticos de organização e mobilização de setores das classes populares, para uma luta de classes dirigida à transformação da ordem social, política, econômica e cultural vigentes. (BRANDÃO, 2006, p. 46)

Aquí reafirmamos a educação popular “como um domínio de convergência de práticas sociais que têm a ver [...] com a questão do conhecimento. Com a questão da possibilidade da construção de um saber popular. Da apropriação, pelas classes populares, do seu próprio saber” (BRANDÃO, 2006, p. 51/52).


Como podemos ver a educação popular nasce no seio dos movimentos e centros de cultura popular e, assim como as manifestações de cultura popular, tem como preceito



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

no seu modo de existir a dialogicidade e a postura de acolhida no encontro com os outros (FERREIRA, 2017, p. 385).

A acolhida e a dialogicidade apresentam-se como momentos em que trocamos com o outro, afetamos e somos afetados. Educador e educando se reconhecem na sua humanidade, percebem o quanto sua experiência de vida se parece com a dos colegas. A partilha é uma forma de dar linguagem às fragilidades e potencialidades da vida. Ao ouvirmos e acolhermos os desassossegos que fazem parte da vida humana, humanizamos-nos. (FERREIRA, 2017, p. 385)

Nos grupos de educação popular e de culturas populares a acolhida a quem chega e abertura para o diálogo são muito presentes. Por meio de relações estabelecidas no respeito mútuo e no cuidado, que abrem passagem para a construção de vínculos.

Cuidar desse encontro humano, encontro de pessoas, de vidas é cuidarmos da “convivência”, do “viver-com”, enfim é tentarmos recriar o como viver com o outro, o diferente e às vezes o divergente, se quisermos superar as relações superficiais influenciadas e controladas por modelos de vida apresentados pela mídia (PEREIRA, 2006, p.81).

Enquanto a “educação bancária” (FREIRE, 1987) tem como princípio a transmissão de conteúdos, a memorização, o silenciamento e domesticação do educando, a educação popular parte do respeito entre educador e educando que abre passagem para a criação de vínculos verdadeiros. A educação popular também ancora-se na valorização dos saberes da experiência, na construção coletiva do conhecimento, na conscientização, no reconhecimento do nosso lugar no mundo e nas possibilidades de reinvenção do modo de viver.

Neste texto debruçamo-nos sobre as tramas que se tecem entre as culturas populares e a educação popular procurando apontar como a ação cultural configura-se como uma possibilidade de educação como prática da liberdade. Procuramos vasculhar



nossa memória sabendo que ela vem impregnada, marcada pela ótica do colonizador (MEMMI, 2007). Com o esforço do pensamento buscamos romper com a perspectiva hegemônica que funciona na lógica da "monocultura do saber" (SANTOS, B., 2002), universalizando e validando apenas um tipo de conhecimento, aquele produzido pela ciência moderna eurocentrada e pela "cultura erudita", das elites, tentando silenciar e invisibilizar outras epistemologias e saberes.

Com nosso estudo realizamos um esforço intelectual contra-hegemônico, afinal “estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever” (FREIRE, 2006, p. 10) a história, de modo a criar novos modos de pensar, ser e estar no mundo.

“A atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente” (FREIRE, 2006, p. 11). Neste esforço em que procuramos substituir a perspectiva da "monocultura do saber" pela "ecologia de saberes" (SANTOS, 2002), reafirmando princípios que sustentam a educação popular e as culturas populares, tais como acolhida, construção de vínculos, coletividade, dialogicidade, respeito aos saberes da experiência, resistência ao apagamento da história e das tradições.

Diferentemente da cultura de massa que tem a *cultura como produto* (ADORNO; HORKHEIMER, 2002), as culturas populares têm a *cultura como processo* (BOSI, 1987). Pensar e viver a cultura como processo é bastante significativo, pois a partir desta perspectiva a cultura é criada e manifestada a partir dos elementos simbólicos compartilhados por um grupo social, por uma comunidade. Portanto, funda-se no encontro, na coletividade, no momento de compartilhar significados de existência social.


Assim, ao falarmos das manifestações de culturas populares e de seus saberes e fazeres, estamos falando de encontros e vivências coletivas. Ainda que cada experiência pessoal seja singular, as culturas populares só existem no encontro, no plural (CERTEAU, 2012).



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire: Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

Vejamos a capoeira, por exemplo: é possível treinar movimentos da Capoeira sozinho, mas ela só se realiza por completo de modo relacional, pois trata-se do jogo com o outro e, então, depende da interação com outros corpos. O tambor de crioula, manifestação típica maranhense, também segue este princípio da coletividade, dos corpos na gira da saias e da roda. Estes exemplos nos mostram que é no encontro com o outro corpo com o qual se está jogando e brincando que a aproximação e a composição de vínculos vai se constituindo.

É compondo a roda - seja fazendo o coro, batendo palmas, girando a saia, pungando, ritmando o jogo por meio dos gingados da música tocada e cantada - que todos e todas tecem uma trama de pertencimento. No brincar e no jogar a gira gira. A energia circula e a composição do vínculo entre os brincantes ou integrantes do jogo vai se desenhando.

Professora Pepê⁷, em concordância com esta percepção sobre a cultura popular e a Capoeira, afirmou que a “energia” é o imprescindível, é aquilo que define a Capoeira. A “energia”, neste caso, diz respeito à conexão criada entre as pessoas durante uma roda, que é justamente o momento do encontro, onde uns são afetados pelos outros e onde deve reger a cooperação e a comunhão, ao invés da competitividade (ainda que seja um jogo).

Na energia da roda deparamo-nos com o modo de viver que estrutura a educação popular e as culturas populares. Na roda germinam saberes e conhecimentos que se criam a partir do comum, do sentimento de pertencimento a uma tradição, a uma história.

Na gira da roda as culturas populares e a educação popular se misturam, se tocam, compondo uma pedagogia como possibilidade de oposição e enfrentamento à lógica cultural hegemônica que está posta. Lógica, esta, que, por meio da dominação e

⁷ Durante entrevista concedida para a pesquisa da dissertação de mestrado junto ao PPGEd – UFSCar SO intitulada: *A Capoeira entre os fundamentos e movimentos de criação: um estudo sobre cultura, gênero e sexualidades* (CACIATORI, 2021).



exploração, impõe os modos de vida da sociedade ocidental capitalista, perpetuando uma política de opressão e apagamento da vida (FERREIRA; VARGA, 2018).

Na gira, [...] “No intervalo entre o passado e o futuro, teimamos em inventar possibilidades de vida, resistimos à ideia de fim da história de que nada está acontecendo, ou vai acontecer, e por isso não temos nada a fazer.” (FERREIRA; VARGA, 2018, p. 70). Brincando e jogando, nossos corpos vivem experiências sagradas e profanas como procesos educativos libertadores, teimando em inventar possibilidades de vida que nos permitam abrir brechas para outros modos de existir.

Saberes da roda

Com todo o vivido e estudado podemos afirmar que as manifestações populares aqui mencionadas nascem dos modelos civilizatórios afro-ameríndios, que de uma forma muito geral e ampla ancoram-se em alguns valores como a vida comunitária, a acolhida na a roda, a vivência como princípio educativo permeada de observação e diálogo, profundamente vinculada à ancestralidade. Soares (2019) aponta dez valores civilizatórios afro-brasileiros: Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, musicalidade, ancestralidade, memória, comunitarismo, oralidade, energia vital e ludicidade. Abib (2004) fala em ritualidade e aqui acrescentamos também a temporalidade e a relação com a terra. Ao nosso ver, estes valores compõem uma ecologia de saberes presentes nas culturas populares e nas experiências de educação popular, onde toda esta riqueza é gestada no viver em comunidade.


Conforme discute Abib (2004, p. 155/156), os processos de transmissão dos saberes no universo da cultura popular dependem da vivência em comunidade, pois só assim garante-se que princípios como memória, oralidade, ancestralidade e ritualidade possam ser enfatizados, assegurando que os processos de aprendizagem dos sujeitos



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

aconteçam baseados na cultura e nas tradições compartilhadas por seu grupo social (não significando que devam estar fechados à outras culturas).

A solidariedade entre seus membros, a cooperação em atividades de mobilização do grupo, que vai de mutirões para construção da sede até realização de eventos envolvendo outros grupos, além de uma relação de irmandade desenvolvida pelos capoeiras de um mesmo grupo, são exemplos de como o sentido de comunidade está presente nesses espaços, embora muitos grupos na atualidade, se organizem em núcleos espalhados por diversas regiões do país e mesmo em diversos países do mundo, e ainda assim mantém-se o sentimento de pertencimento comunitário com muita expressividade, entre os membros desses grupos. (ABIB, 2004, p. 155)

A ritualidade, como parte deste universo, é um importante elemento de seu funcionamento. Os sujeitos que vivem e compõem as culturas populares, nos momentos de celebração, manifestam através da ritualidade os sentidos que orientam sua existência e que são compartilhados com os demais. Graças a ritualidade presente nesses momentos, é possível a transposição, ou seja, “a passagem entre o mundo real e o mundo mítico, a junção entre passado, presente e futuro.” (ABIB, 2004, p. 76)

Podemos observar nas comunidades tradicionais do Maranhão em que se brinca o Bumba meu Boi que [...]


[...] os brincantes do Bumba-meu-boi vivem as suas utopias, a utopia no sentido de “o não lugar”, o contra lugar, o lugar contrário à lei e à dor. Quando estão representando, estão ao lado da felicidade e ao lado estética, ao lado do sensível, da sensação, do gosto, da gustação, da apreciação; regressam ao mundo dos sentidos para além dos limites da comunicação verbal cotidiana, passam de um mundo de menor sensibilidade para um de grande sensibilidade [...] um mundo utópico onde a própria infelicidade é recuperada pelo gosto de viver, através do gosto pela vida. (SAPORTA, *in*: VIANA, 2013, p.101)



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire: Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

Memorar o passado, torná-lo presente no hoje e ajudar, assim, a inaugurar o futuro. “O ritual permite a experiência de relembrar em conjunto” (ABIB, 2004, p. 70). Brandão (1984, p. 107) discute que os elementos simbólicos que compõem os rituais servem justamente para guardar essa memória, mesmo que os elementos sejam dinâmicos e se ressignifiquem com o passar dos tempos, eles servem para que *não nos esqueçamos de quem somos*. Por isso nas comunidades tradicionais

[...] há sempre uma figura fundamental, responsável pelos processos envolvendo a memória coletiva: a figura do mestre. [...] os mestres exercem um papel central na preservação e transmissão dos saberes que organizam a vida social no âmbito da cultura popular, caracterizando assim, a oralidade como forma privilegiada dessa transmissão. (ABIB, 2004, p. 64)

Ao pensarmos nos Mestres e Mestras da cultura popular como importantes guardiões dos saberes e conhecimentos que devem ser sempre coletivizados e transmitidos às seguintes gerações, entendemos, também, o importante papel que a ancestralidade desempenha neste universo. Santos, V. (2019, p. 104) aponta que a ancestralidade é um dado da africanidade, pois em todas as sociedades africanas o ancestral tem um alto estatuto, sendo sempre *a origem*. “O mestre é aquele que permite que os saberes transmitidos pelos antepassados vivam e sejam dignificados na memória coletiva” (ABIB, 2004, p. 64), assim como cantou o mestre Humberto do Boi de Maracaná – São Luis do Maranhão: “Esta herança foi deixada por nossos avós, hoje cultivada por nós para compor sua história Maranhão”.


Outro aspecto relevante nas manifestações culturais populares e já bastante mencionado neste trabalho, é a roda. “É na roda que a gente senta para contar e ouvir histórias, cantar, dançar, brincar e manifestar a religiosidade” (SANTOS, V., 2019, p. 100). Além de ser *lugar*, é também *modo de estar*, pois a roda também diz respeito à horizontalidade das relações que acontecem neste universo.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

A circularidade representa, ainda, uma metáfora e um entendimento da própria vida, que é cíclica. Inclusive, é comum ouvirmos capoeiristas dizendo que *a roda da Capoeira é a roda da vida*. Abib (2004, p. 136) ressalta que a roda da Capoeira representa um espaço mítico de ligação entre passado, presente e futuro. É possível notar também o frequente uso da roda como estratégia metodológica nos mais diversos processos de educação popular, justamente por representar um modo de *ser e estar no mundo* que condiz com os preceitos desta prática, pois possibilita a criação de um espaço de interação e troca horizontal. A roda é suporte para os encontros.

Dentre tantos valores civilizatórios que compõem a ecologia de saberes das culturas populares, destacamos também a ludicidade. Integrantes de comunidades tradicionais costumam apresentar-se como brincantes de boi, brincantes de tambor, brincantes de cacuriá. Como afirma o ditado popular: *brincadeira é coisa séria*, pois brincadeira, aqui, possui vinculação direta com o sagrado. É brincando que se paga promessa, que se cumpre uma obrigação. É *vadiando* que se está junto, que acontece a troca e que se toca no sagrado.

É nesse *estar* da cultura popular onde tudo se emaranha: o contato intergeracional, a troca de saberes, a produção e reprodução de sentidos da existência. E tudo isso é permeado por processos educativos, que acontecem principalmente a partir da oralidade e da inserção prática dos sujeitos nas dinâmicas. Se aprende vivenciando.


Existe um ditado na capoeira que afirma que “*só não cai quem não joga*”. Quase como um complemento, um trecho de uma música de capoeira diz que, na verdade, “*escorregar não é cair, é o jeito que o corpo dá*”. Esse entendimento dá pistas sobre a pedagogia das culturas populares, na qual aprende-se observando e escutando, mas, sobretudo, fazendo, vivendo, cantando, dançando, celebrando, brincando. *Cair* é parte desse processo, e não há demérito nisso. Tal postura também está presente na educação popular, onde não acontece a criminalização do erro, mas sim a compreensão deste como parte do processo de aprendizagem.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire: Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

A pedagogia africana, que de certa forma influencia os processos de aprendizagem presentes no universo da capoeira angola, demonstra um profundo respeito pelo tempo de cada um, pela sua individualidade. A paciência, tanto do mestre, quanto do aprendiz, é uma qualidade que se torna essencial para que esse processo possa se desenvolver com a mesma naturalidade que uma planta é germinada, cresce e dá frutos. (ABIB, 2004, p. 134)

As culturas populares são expressões coletivas, mas que se constituem a partir da expressão corporal, do batuque, do gingado, da gira de cada pessoa. Tem a plasticidade de se adaptar a cada corpo e ritmo, não se tratando de uma lógica pasteurizada aplicada em série. As brincadeiras e jogos respeitam a diversidade dos corpos e formas de se movimentar e estar no mundo. Esta é, portanto, uma forma de vivenciar os processos e a *educação como prática da liberdade* (FREIRE, 1982). Ao nosso ver as pedagogias das Culturas populares são primas-irmãs da educação popular, confirmando que a ação cultural na perspectiva popular abre possibilidade para a prática da liberdade, pois carrega no seu processo educativo o processo criativo do fazer e refazer a cultura, a vida.

Resistindo ao apagamento da sua existência, as culturas populares contribuem para que os homens e mulheres compreendam seu lugar no mundo, humanizem-se, façam cultura, façam história, reinventem os processos de dominação, opressão e silenciamento.

A partir das relações do homem (e da mulher⁸) com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. (FREIRE, 1982, p. 43)


⁸ Inclusão nossa, pois em “Pedagogia da esperança”, Freire assume a necessidade desta discussão e revisão.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

E assim, no movimento da cultura, coletivamente homens e mulheres se lançam nas giras, rodas, festejos em busca de vida. Vivem suas utopias e tecem terreno fértil para a prática da liberdade, do encontro, da troca. Reinventam o mundo ao forjarem possibilidades de práticas culturais antirracistas, antihomofóbicas, engajadas na construção da emancipação humana.

A pertinência da utopia

Este é um “até logo”, não um fim, afinal [...]

*“A historia não tem fim,
continua sempre
que você responde sim,
à sua imaginação.
À arte de sorrir
cada vez que o mundo diz não”*

(Maria Bethânia)

Atravessamos um tempo de muitos não, muita dor e sofrimento, mas seguimos honrando a memória coletiva e giramos a gira em busca de motivos para festejar, para celebrar a vida. Aprendemos que as culturas populares são [...]


[...] um rico manancial de humanidade, onde muito se aprende sobre a vida e sobre valores fundamentais para existência humana como a solidariedade, a igualdade, o respeito às diferenças, o compartilhar, o respeito à natureza, a cooperação, o equilíbrio, a humildade, a parceria, entre tantos outros ensinamentos que a sabedoria do nosso povo vem



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

cultivando, preservando e transmitindo de geração em geração ao longo da história do nosso país, resistindo e lutando por manter vivas suas tradições, legado maior de uma ancestralidade que rege suas formas de ser e estar no mundo. (ABIB, 2004, p. 161/162)

Freire (1981, p. 64) nos fala sobre a natureza utópica necessária aos movimentos revolucionários e aos projetos emancipatórios. Santos, M. (2000, p. 78), também refletindo a este respeito, nos informa a propósito da *pertinência da utopia*. Ele afirma que “o mundo é formado não apenas pelo que já existe (aqui, ali, em toda parte), mas pelo que pode efetivamente existir (aqui, ali, em toda parte)” (SANTOS, M., 2000, p. 78).

Existe mundo por vir e nosso engajamento no desenho e execução deste projeto de produção de um comum, de um mundo de dignidade e emancipação, é nossa responsabilidade coletiva. Krenak (2019), ao discutir sobre a possibilidade de imaginar outro mundo possível, indica que o lugar de onde se projetam as possibilidades - que ele chama de “paraquedas coloridos”, os quais devemos construir se não podemos evitar a queda - é o “lugar onde são possíveis as visões e o sonho” (KRENAK, 2019, p. 65).

Afinal, conforme nos lembra Brandão (2006, p. 48), “não é apenas em uma sociedade transformada que se cria uma nova cultura e um novo homem. É ao longo do processo coletivo de transformá-la através do qual as classes populares se educam com a sua própria prática, e consolidam o seu saber”. Resgatando as palavras de Freire (1981, p. 65), é preciso seguirmos realizando o possível de hoje para podermos viabilizar amanhã o impossível de hoje. Esta resistência da utopia é notável nos brincantes das culturas populares. Trazemos como exemplo aqui o Bumba meu boi:

Ao nosso ver reativar marcas vivas da tradição brincando boi é uma forma de proliferar sentidos para viver de resistir ao apagamento do que nos constituem... Ao som da matraca, dos pandeiros, do viver coletivamente, solidariamente, do assumir responsabilidades para que Boi sobreviva, do projeto comunitário, os brincantes revelam que na comunidade tradicional a potência da vida resiste (FERREIRA; VARGA, 2018, p. 14)



Portanto, como nos ensina a Capoeira, seguimos caminhando, mesmo que no *miudinho*: quando não dispomos de muito espaço, fazendo um jogo “pequeninho”, mas ainda potente. E no que depender das culturas populares, nesse caminho vai ter roda, celebração, festa e vai ser de comunhão. *lê, viva as culturas populares, camará.*

Referências


- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas à Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2004.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural**: o iluminismo como mistificação de massas. 2002.
- BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. *In*: BORNHEIM, Gerd et al. **Cultura brasileira**: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 31-58, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 4a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- CACIATORI, Eduarda Gava. **A Capoeira entre os fundamentos e movimentos de criação**: um estudo sobre cultura, gênero e sexualidades. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba: 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 2012.
- FERREIRA, Dulcinéia de Fátima. Educação e alfabetização de jovens e adultos: reflexões a partir da educação popular e dos processos de subjetivação. **Poiésis - UNISUL**, v. 11, n. 20, p. 380-394, 2017.
- FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; VARGA, István van Deursen. A potência da alegria no território existencial bumba meu boi de matraca do Maracanã – São Luis – Maranhão como forma de resistência e reexistência. **Anais do I Seminário Internacional povos e comunidades tradicionais frente a projetos de desenvolvimento e V Seminário de desenvolvimento, modernidade e meio ambiente - Universidade Federal do Maranhão**. São Luís: 2018.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.454>

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; VARGA, István van Deursen. Cultura popular e processos de subjetivação: em busca de linhas de vida. **Laplage em Revista (Sorocaba)**, vol. 4, n.1, p. 67-80, 2018.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira. **Revisitar Paulo Freire: uma possibilidade de reencantar a educação**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ROLNIK, Sueli. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. **Conferência proferida no simpósio: Corpo, Arte e Clínica**. Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, UFRGS, Porto Alegre, 11 mar. 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, p. 237-280, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Vanessa Soares dos. **Cultura popular e o modo de vida brincante: costurando linhas de vida na perspectiva das africanidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba: 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. **O Bumba-Meu-Boi como fenômeno estético: corpo, estética, educação**. São Luis: EDUFMA, 2013.

Recebido em: 24/12/2021 | Aprovado em: 06/05/2022.
